

## OS QUADRINHOS *QUE MALA ES LA GENTE* SOB O ENFOQUE DA SEQUENCIALIDADE NARRATIVA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

*Comics from the book “que mala es la gente” under the focus of  
narrative sequence: An analysis proposal*

Claudia Cristina SANZOVO

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
tizia8@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3368-2752>

Evandro de Melo CATELÃO

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
evandrocatalao@utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-3006-5051>

**RESUMO:** O presente estudo de caráter descritivo e explicativo tem como objetivo descrever o encadeamento e a função da sequência narrativa na construção de sentido nas histórias em quadrinhos (HQs) associada à representação discursiva dos enunciados e ao ponto de vista. Assumimos, para tanto, uma perspectiva sociodiscursiva da análise pelos níveis N5, N6 e N7 de Adam (2008; 2011; 2019). O *corpus* é composto por duas histórias em quadrinhos (HQs) do livro “Que gente má!” (*Que mala es la gente*) do cartunista argentino Quino (2003), as quais foram escolhidas em função de suas temáticas que envolvem questões das desigualdades sociais e a subjetividade das relações sentimentais. Resultados demonstram convergência entre a proposta do autor em destaque e as macro-proposições que compõem a estrutura composicional dessas narrativas - as suas representações discursivas, bem como em relação às conexões com o plano discursivo e a (re)construção de sentido possível na interação autor-texto-leitor. **PALAVRAS-CHAVE:** Sequência Narrativa; Histórias em Quadrinhos; Análise Textual/Discursiva.

**ABSTRACT:** This descriptive and explanatory study aims to describe the catenation and function of the narrative sequence in the construction of meaning in comics, associated with the discursive wording



representation and the point of view. With this purpose, we assume a socio-discursive perspective of the analysis at the level N5, N6 and N7 according to Adam (2008; 2011; 2019). The corpus is composed of two comics from the book “Que mala es la gente!” by Argentine cartoonist Quino (2003), which were chosen due to their themes that involve issues of social inequalities and the subjectivity of sentimental relationships. Results show convergence between the highlighted author’s proposal and the macro-propositions that form the compositional structure of these narratives, their discursive representations, as well as the connections with the discursive level and the (re)construction of possible meaning in the author-text-reader interaction. **KEYWORDS:** Narrative Sequence; Comics; Textual/Discursive Analysis.

## INTRODUÇÃO

A ATD (análise textual dos discursos) tem trazido aos longos das últimas décadas várias contribuições aos estudos do texto e do discurso (WACHOWICZ, 2010; SILVA, 2012; CATELÃO, 2013; OLIVEIRA, 2016). O estudo das sequências textuais, por exemplo, representa um desses principais temas de investigação e possibilita a observação de aspectos envolvidos na composição do texto e que, no nível discursivo, permite estabelecer relações na caracterização dos gêneros de discurso. A proposta de Adam (2008; 2011) estabelece uma relação entre texto e discurso principalmente com base no que ele chama de separação e complementaridade de tarefas e objetos entre a linguística textual e a análise de discurso. Trata-se de um quadro analítico que toma o discurso como ação e o texto como traço linguageiro da interação social.

Utilizando particularmente aspectos dessa perspectiva teórica, buscamos, neste estudo, por meio de uma aplicação teórica do modelo de sequência/plano de texto em Adam (2008; 2011; 2019) no nível N5, descrever parte da (re)construção textual/discursiva do gênero HQ em relação à dominância ou não da macroação narrativa. Para tanto, também procuramos correlacionar o nível sequencial com a noção de representação discursiva e ponto de vista, níveis N6 e N7 da análise, responsáveis pelas representações construídas verbalmente de um conteúdo referencial (semântica) e a responsabilidade enunciativa (*responsabilité énonciative*)<sup>1</sup>. Consideramos, nesses limites, o esquema de

<sup>1</sup> Consideramos no presente artigo o termo responsabilidade enunciativa que aparece na quarta edição do original francês de “Les textes: types et prototypes”, uma vez que, no também original francês de 2008 de “La linguistique textuelle”, o autor utiliza para o mesmo nível (N7) o termo assunção de responsabilidade enunciativa (*prise en charge*). Isso pode sinalizar uma mudança de perspectiva teórica, assunto que não abordaremos neste trabalho.

relações entre os níveis de análise discursivas e textuais propostos por Adam (2019), utilizando como *corpus* quadrinhos (HQs) do cartunista Quino<sup>2</sup>.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo/interpretativo, pois visamos analisar o uso de estratégias textuais-discursivas quanto ao seu entrelaçamento sequencial e à criação de referência como representação discursiva (construção de conteúdo proposicional na produção dos sentidos). Optamos também por uma abordagem qualitativa, à medida que nos concentramos nos conceitos e fenômenos únicos, estudando um determinado contexto de uso linguístico (CRESWELL, 2010).

## DISCURSO E AÇÃO NO TEXTO

Adam (2011), ao descrever os pontos de apoio e a criação da análise textual dos discursos (ATD), evidencia algumas contribuições de Eugenio Coseriu no sentido de diferenciar a gramática transfrasal (análise de frases) da linguística textual (produção de sentido a partir da análise de textos concretos). Para Coseriu (1994 *apud* MOREIRA, 2019, p. 109), os textos têm “a natureza de produzir sentidos que são sempre individuais” e possuem “regras próprias que não devem (nem podem) ser comparadas ou confundidas com as regras da língua”.

Adam (2011) desenvolve, nesse mesmo contexto, sua teoria incluindo a linguística textual no foco da análise de discursos, inscrevendo as atividades de textualização no quadro de um gênero específico, que é atualizado nas atividades humanas institucionalizadas. A proposta do autor articula uma linguística textual desvinculada da gramática de texto e uma análise de discurso emancipada da análise do discurso francesa (ADF) dentro de uma perspectiva sociodiscursiva. Nesse sentido, destacamos a definição de gênero para o autor (que também assumimos em nosso trabalho): “gêneros, organizados em sistemas de gêneros, são padrões sociocomunicativos e sócio-históricos que os grupos sociais compõem para organizar as formas da língua em discurso” (ADAM, 2019, p.33).

No que se refere ao texto e ao seu encadeamento, a narração, a descrição, a argumentação, a explicação e o diálogo seriam suas formas possíveis de organização, em um misto/combinção ou dominância, a depender do gênero de discurso. Por esse viés composicional e discursivo, tomamos das descrições de Adam (2011; 2019), seu destaque pela sucessão de enunciados sequenciais e a forma estrutural pela qual o leitor é capaz de interpretar e dar sentido ao texto. Além disso, como tais enunciados ganham

---

<sup>2</sup> No decorrer deste estudo utilizaremos o termo HQs para determinar as histórias em quadrinhos.  
Revista X, v. 16, n. 6, p. 1767-1791, 2021.

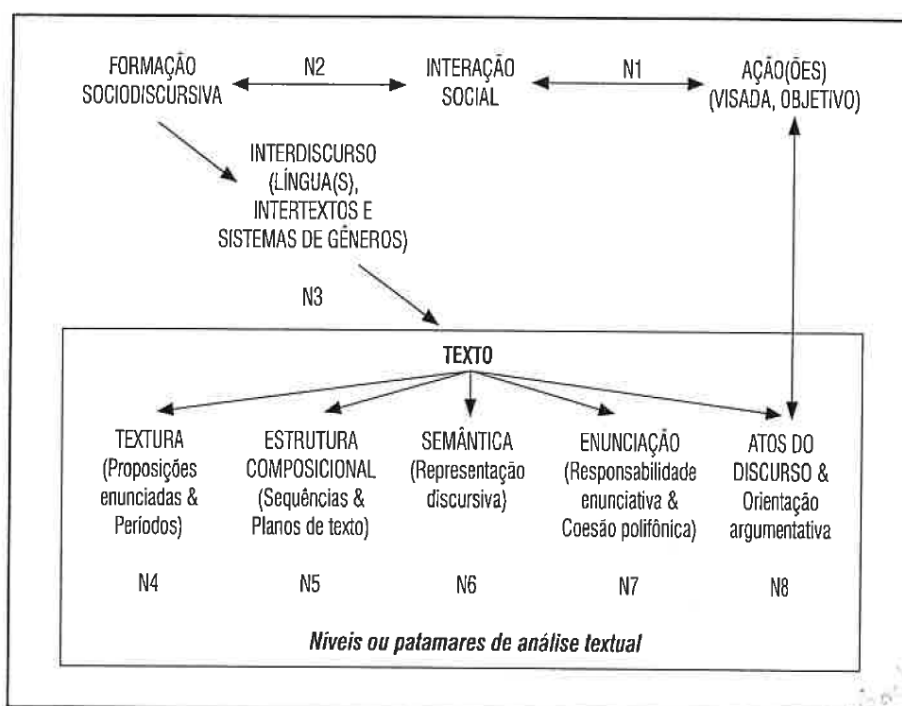
formas por meio de certos gêneros de discurso que se apresentam vinculados diretamente às instituições sociais.

O conceito de gênero discursivo utilizado pelo autor está vinculado aos estudos dialógicos de Bakhtin (2003). Esse conceito é caracterizado como parte das atividades enunciativas demarcadas por tipos relativamente estáveis de enunciados circunscritos em estilo, forma composicional e conteúdo temático. Os gêneros se modificam em determinados momentos histórico-culturais, levando em conta os interlocutores e suas posições sociais, a intenção enunciativa, o suporte, a época, o local de produção e de circulação. Essas características fazem dos gêneros elementos de interlocução entre a língua e a sociedade. Seria nesses moldes que Adam (2011) tece parte de sua teoria. Ele segue os princípios interacionistas e traz o conceito de gêneros como padrões sociocomunicativos e sócio-históricos utilizados nas interações.

De acordo com Bakhtin (2003), quando escolhemos os enunciados (proposições-enunciado em Adam, 2011) para a construção e organização de um texto não o fazemos aleatoriamente, já que essa escolha ocorre em função do todo significativo do enunciado acabado. Acreditamos que seria por isso que Adam (2011) destaca, para a atribuição de sentido ao texto, o fato de sermos capazes de compreender o enunciado no encadeamento uns com os outros e, assim, construir as representações semânticas do texto como um todo. A esse encadeamento, Adam (2011, p. 25) chama textualidade, um conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou na leitura/audição, como uma forma de atribuir significação.

Uma parte dessas considerações da textualidade e dos níveis de produção ou de atribuição de sentidos aparece esboçada no esquema 1. Trata-se de um quadro teórico geral da ATD como planos de organização da textualidade e da discursividade, ou seja, um plano analítico não hierárquico que busca “dar conta do caráter complexo e profundamente heterogêneo de um objeto irreduzível a um único modo de organização” (ADAM, 2019, p. 34).

**Esquema 1:** níveis das análises discursiva e textual.



**Fonte:** Adam (2019, p. 35).

No esquema, a parte superior traz as ligações entre os elementos essenciais que compõem o plano discursivo como a ação visada e interação social (N1) que conduzem às condições de produção e recepção (N2); a formação sociodiscursiva e interdiscursivas que conduzem à genericidade, intertexto e sistemas de gêneros (N3); a parte inferior comporta os níveis ou patamares da análise textual como: a textura ou parte equivalente ao estilo em Bakhtin (N4); a estrutura composicional que abarca as sequência e os planos de texto - forma de composição em Bakhtin (N5); a semântica ou representação discursiva (N6) - tema em Bakhtin; a enunciação que abarca a responsabilidade enunciativa e o ponto de vista (N7); e, por fim, os atos do discurso ou orientação argumentativa (N8).

Trata-se, ao nosso ver, de pontos de análise complementares, mas que distintamente podem proporcionar ou evocar análises/descrições particulares do texto. Seleccionamos para descrição/aplicação mais minuciosa, neste trabalho, os patamares N5 e N6 da análise textual, como segue.

## **Emergência sequencial: nível N5 e a sequência narrativa**

Falar em um tipo de análise sequencial demanda também o entendimento do que se está compreendendo por texto. Para Adam (2019), o texto pode ser definido como um correspondente linguístico complexo e heterogêneo construído pelas ações entre os sujeitos com o uso da linguagem, uma vez que as interações entre os enunciadores são também históricas e singulares. Esse fato dificulta, de certo modo, uma definição estrita de texto ao mesmo tempo que direciona uma categoria de visualização/análise que pode ser marcada pelas operações de construção/desconstrução dos textos em unidades menores ou maiores. Seria nesse sentido que o autor situa em seu esquema o nível N5 para demarcar esse tipo de análise. Dentre os cinco níveis ou planos da análise textual, o nível N5, sequências e planos de texto, representa dizer que:

todo texto é – tanto na produção como na interpretação – objeto de um trabalho de reconstrução de sua estrutura que, passo a passo, pode levar à elaboração de um plano de texto ocasional<sup>3</sup> [...] a (re)construção de partes ou segmentos que correspondem ou ultrapassam os níveis do período e da sequência é uma atividade cognitiva fundamental que permite a compreensão de um texto e mobiliza para isso todas as informações linguísticas de superfície disponíveis (ADAM, 2011, p. 261).

Uma sequência seria então definida como uma unidade textual mais complexa, composta por “um número definido de blocos de proposições de base, as *macroproposições* (ADAM, 2019, p. 46, grifo do autor). Essas macroproposições dependem de combinações pré-formatadas das proposições denominadas: narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva, sendo que, especificamente as sequências narrativas, descritivas, argumentativas e explicativas “constroem representações esquemáticas do mundo com o objetivo final, como nas diretivas, de um objetivo de ação: compartilhar uma crença com a finalidade de induzir um certo comportamento”, relações que verificaremos pelos níveis N6, N7 (ADAM, 2019, p. 39-40).

Considerando tal objetivo de ação, o autor propõe cinco (protó)tipos de sequências compostas de combinações pré-formatadas de proposições. Essas combinações (tipos de base) correspondem aos cinco tipos de relações macrossemânticas “transformadas em

---

<sup>3</sup> Para Adam (2011) há dois tipos de plano de texto: o convencional (fixo, canônico) e o ocasional (flexível).

esquema de reconhecimento e de estruturação da informação textual”, condensadas na tabela 1 (ADAM, 2019; 2011, p. 204).

**Tabela 1:** Características dos protó (tipos) de sequências.

Sequências	Macroações possíveis visadas	Fases prototípicas
<b>Descritiva</b>	Apresentar uma descrição sumária e precisa de elementos, objetos e personagens para que o destinatário possa perceber com maior clareza os pormenores.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Operações de tematização (pré-tematização ou ancoragem, o que ou quem estará em questão; pós tematização ou afetação, o que supostamente o leitor sabe sobre o personagem; retematização ou reformulação combinando os anteriores).</li> <li>2. Operações de aspectualização (fragmentação ou partição, qualificação ou atribuição de propriedades).</li> <li>3. Operação de relação (comparação/ analogia).</li> <li>4. Operações de expansão por subtematização.</li> </ol>
<b>Explicativa</b>	Apresentar uma constatação ou fato de uma questão ainda incompleta de maneira neutra e desinteressada.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Esquematização inicial</li> <li>2. Problema (pergunta)</li> <li>3. Explicação (resposta)</li> <li>4. Ratificação (avaliação)</li> </ol>
<b>Argumentativa</b>	Demonstrar/justificar uma tese ou refutá-la com argumentos/provas a favor ou contrárias.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tese anterior (apresentação da situação)</li> <li>2. Dados/Fatos (premissas)</li> <li>3. Suporte (princípios de base)</li> <li>4. Restrição (contra-argumentos)</li> <li>5. Conclusão</li> </ol>
<b>Narrativa</b>	Atrair a atenção do leitor para uma sequência de fatos que sofrem uma transformação ao longo do tempo, por meio de uma tensão, intriga ou outra problemática.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Situação inicial</li> <li>2. Nó (desencadeador)</li> <li>3. Reação (avaliação)</li> <li>4. Desfecho</li> <li>5. Situação final</li> </ol>

<b>Dialogal</b>	Conversas ordinárias com uma heterogeneidade composicional que abarca outras sequências como a narrativa, a argumentativa, a explicativa e a descritiva.	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Intercâmbio de abertura</li><li>2. Pergunta/resposta/avaliação</li><li>3. Intercâmbio de fechamento</li></ol>
-----------------	--	--

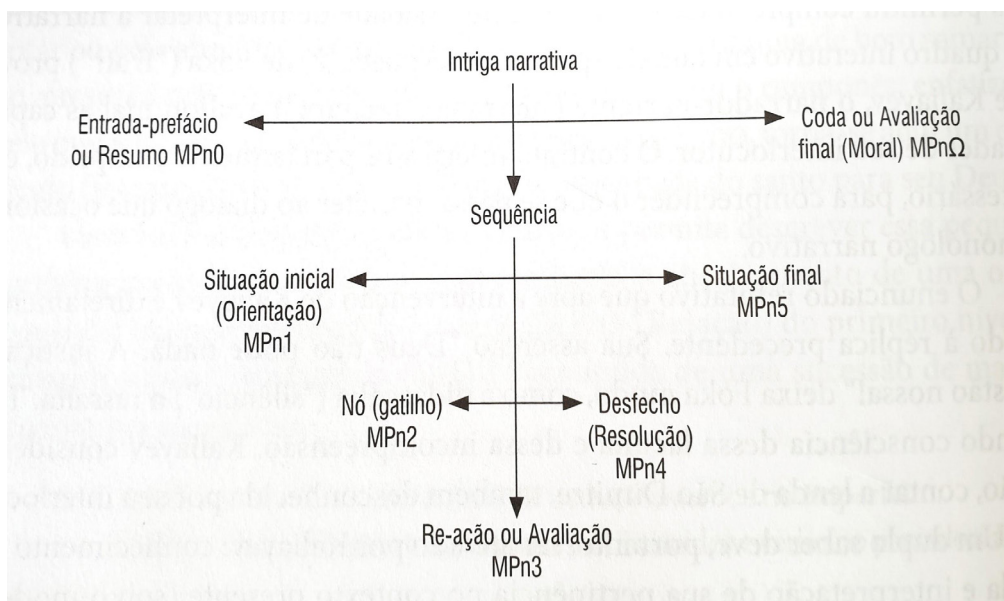
**Fonte:** adaptado de Adam (2019; 2011).

Para a presente pesquisa, daremos destaque à descrição da sequência narrativa, além das características apresentadas na tabela 1. A unidade textual narrativa, para Adam (2019), apresenta como definição mínima ser formada por um conjunto de proposições articuladas e progredindo em direção a um fim. Nesse sentido, essa unidade envolve como ação a exposição de fatos, reais ou imaginários, distribuídos em seis constituintes diretamente ligados ao protótipo da narrativa: I) sucessão de acontecimentos; II) unidade temática com ao menos um ator/sujeito; III) predicados transformados (estar, ter ou fazer) em ligação direta com o ator/sujeito; IV) uma unidade de processo que permite precisar o componente temporal; V) causalidade narrativa da colocação e intriga; VI) avaliação final. Mesmo com esse protótipo, uma narrativa pode ser construída de diferentes formas dependendo do seu grau de narrativização, uma vez que, uma simples enumeração de fatos e ações possui um grau de narratividade bem menor que uma narrativa sustentada por um processo mais amplo envolvendo, por exemplo, intrigas e outros encadeamentos constitutivos da história.

Desse modo, Adam (2011, p. 229) propõe a análise da composição do texto narrativo que se dá por meio de proposições, compostas por sentenças, frases ou subfrases que se distribuem em cinco macro-proposições de base (ou Pn): a situação inicial (Pn1), o nó desencadeador (Pn2), a re-ação ou avaliação (Pn3), o desenlace (Pn4) e a situação final (Pn5), sendo que “Pn1 é dinamizada por Pn2 e conduz a um estado transitório Pn3, que se interrompe, ele próprio, sob o efeito de Pn4, que leva ao final Pn5”. Com isso, o autor destaca que o mais importante na sequência narrativa mínima é a passagem e a transformação de um estado inicial (Pn1) em um estado final (Pn5), tendo as macroproposições narrativas intermediárias (Pn2 + Pn3 + Pn4) como elementos que asseguram esta transformação. Em outro trabalho mais recente Adam (2019, p. 136) acrescenta que “a narrativa pode ser precedida por preâmbulos”, chamados de entrada-

prefácio ou resumo (Pn0), assim como comportar avaliação final/moral (PnΩ) destinada “a assinalar o final da narrativa ou manter a atenção do interlocutor”, conforme podemos observar no esquema 2.

**Esquema 2:** Protótipo da Sequência Narrativa.



**Fonte:** Adam (2019, p. 136).

O autor ressalta ainda que um dado plano sequencial como a narrativa pode ser dominante em um certo momento da circunstância narrada e/ou em parte de um texto, mas, por constituir-se de um protótipo teórico combinado na composição heterogênea de um texto, essa construção pode ser integrada também por outras sequências em um plano de texto, como a sequência dialogal (tabela 1), caracterizada pelas situações comunicacionais de intervenções alternadas entre dois ou mais interlocutores que contribuem para o encadeamento de sentidos do texto/enunciado. Dessa forma,

[...] a inscrição de uma sequência narrativa em um co-texto dialogal (oral, teatral ou de uma narração encaixada na outra) se traduz pelo acréscimo, na abertura, de uma *Entrada-prefácio* ou de um simples *Resumo* (Pn0) e, ao termo da narração, de uma *Avaliação final* (PnΩ) que assume a forma da *Moralidade* das fábulas ou se reduz a um simples *Encerramento*. Essas proposições garantem a entrada e a saída do mundo da narração (ADAM, 2011, p. 227-228, grifo do autor).

Tais características da sequência narrativa permitem, em linhas gerais, identificar aspectos composicionais de textos/enunciados que têm como ponto de partida (ação visada) narrar a sucessão de eventos em uma ordem espaço-temporal, dominada por uma tensão/intriga/suspense na qual o personagem principal pode sofrer ou não uma mudança que venha a transformar os acontecimentos no decorrer da narrativa e consentir uma avaliação final implícita ou explícita do leitor através de uma reflexão ou julgamento em relação ao que foi narrado (objetivo da ação), ou seja, no ato da leitura chega-se ao ponto da avaliação final (PnΩ) onde a história pode ser percebida como um todo significativo.

Com base no esquema de análise textual-discursiva proposto por Adam (2019) seria possível desenvolver um processo interpretativo ou de construção de sentido na leitura de romances, novelas, contos, crônicas, fábulas e nas HQs, as quais, de acordo com Montanha (2012), podem ser compostas pela dominância das sequências narrativa e dialogal além de formas de linguagem complementares: a verbal (escrita e falada por meio de balões) e a não-verbal (sonora, gestual, simbólica e icônica).

### **A referência como representação discursiva**

A noção de representação discursiva (Rd), como apresentado anteriormente (esquema 1), trata do campo semântico nos limites dos gêneros de discurso, operando como tema. Para Adam (2011), todo ato de referência tratado como um tipo de construção determinada no/pelo discurso por um locutor comporta em si também a capacidade de ser (re)construída por um interpretante, operação que o autor também chama de esquematização. Dito de outro modo, uma Rd comporta a questão da avaliação do valor de verdade dos enunciados, que segue, por sua vez, dois regimes pragmáticos: condição de verdade que na não ficcionalidade opera os regimes verdadeiro, falso/mentiroso e um regime nem verdadeiro nem falso na ficcionalidade (metaforismo). “Esses dois regimes são amplamente determinados pelo gênero de discurso e/ou pelas figuras do discurso (metáfora, símbolo e alegoria, dominantes do segundo, distintos da metonímia, da sinédoque e da metalepse” (ADAM, 2011, p.110-111).

Essa representação ou esquematização é reconstruída pelo analista ou interlocutor por meio das interpretações e dos pré-construídos que, baseado em um contexto de interação/situação sociodiscursiva, recria ou reconstrói as condições de produção, as condições de recepção e os parâmetros da situação sociodiscursiva determinada pelo produtor. Além disso, para Adam (2011), no nível semântico (N6) a Rd pode singularizar ainda suas noções conexas (anáforas, correferências, isotopias, colocações) que remetem ao conteúdo referencial do texto.

Com base nos pressupostos da lógica natural e da análise textual-discursiva (ATD), Aquino (2015, p. 63), apresenta três tipos de Rds possíveis de serem identificadas pelo analista em uma situação comunicativa: a representação discursiva si (imagem do locutor - *ethos*), a representação discursiva do alocutário (imagem que o locutor faz do alocutário) e a representação discursiva do tema (a escolha e o arranjo de palavras feitas pelos interlocutores, permitindo a construção e a reconstrução das Rds dos conteúdos referenciais evidenciados no e pelo texto).

Para Adam (2011), a partir de um enunciado mínimo proposicional ou proposição que possua uma unidade mínima de sentido, temos uma Rd construída linguisticamente por meio do texto, no qual a “atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável” (ADAM, 2011, p. 113). Em um contexto de uso da linguagem, a Rd é construída de acordo com a realidade do locutor e apresenta-se como elo entre o locutor/enunciador e o interlocutor/ouvinte-leitor. Esses são os elementos constitutivos do texto, já que, ao interagir com o outro, o locutor constrói uma representação/imagem de si mesmo, do seu interlocutor e do tema ou objeto da situação da qual está participando. Ao construir uma esquematização discursiva do mundo, “todo texto visa (explicitamente ou não) agir sobre representações, crenças e/ou comportamentos de um destinatário (individual ou coletivo)” (ADAM, 2019, p. 39).

Nesse sentido, tanto a escrita quanto a leitura permitem a (re)construção de uma Rd que extrapola a linearidade do texto e será confirmada ou não por meio do processo de interpretação que envolve, entre outros fatores, as inferências e o conhecimento de mundo de cada sujeito. Em estudos anteriores, Catelão (2013) tratou da Rd como uma ferramenta capaz de reconstruir significados em gêneros epistolares com base em análises das condições de produção, de recepção e dos parâmetros da situação sociodiscursiva. Destacamos neste estudo outra apresentação agora ligada a textos ficcionais e em que se toma o nível N6 ligado aos níveis N1 e N2 (ação visada e interação social) e ao nível N7 (enunciação/ponto de vista).

## RECORTE OU PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Para a aplicação dos fundamentos teóricos selecionados, nosso interesse partiu principalmente da possibilidade de uma análise descritiva/interpretativa no sentido de observar o uso da noção de Rd e a dominância ou não de encadeamentos sequenciais narrativos na construção de sentido.

Quanto à natureza da pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa que se baseia no entendimento e na interpretação dos “fenômenos em termos dos significados que as

peças a eles conferem” (DENZIM E LINCON, 2006, p. 17), amparados pela tipologia documental, valendo-se “de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 45).

### Procedimentos de análise

Para a presente análise, utilizamos um *corpus* ficcional composto de duas (2) HQs do livro “Que gente má!”, do cartunista argentino Quino (2003), publicado originalmente em 1997 pela Editorial Lumen Argentina com o título *Que mala es la gente*, o qual possui como temática principal questões das esferas econômicas e dos relacionamentos (temática aleatoriamente escolhida entre as constantes na obra do autor). Acreditamos, particularmente, que o processo de (re)construção de sentido do gênero HQ pode contribuir ao estudo desses gêneros ficcionais. Nesse sentido, analisaremos os textos segundo: I) aspectos discursivos presentes nos níveis N1 (ação visada); II) aspectos discursivos presente no nível N2 (interação social – situação sociodiscursiva, condições de produção e recepção com implicações das representações discursivas) e III) traços da organização sequencial narrativa dominante.

### Enquadramento do *corpus*

As HQs são tão antigas quanto a própria humanidade, se considerarmos a sequência narrativa de textos e imagens que acompanham o homem desde a idade das cavernas. Muitos estudiosos acreditam que as HQs são manifestações da cultura popular que servem como veículo de comunicação em massa e, dentre as teorias para sua origem, Silva (1976, p. 20) acredita que as xilogravuras cristãs que narravam acontecimentos religiosos podem ser consideradas as primeiras formas de quadrinhos, uma vez que essas representavam “uma nova forma de expressão” com o uso da imagem e do texto. Por outro lado, Moya (1996) defende como primeira criação em quadrinhos a obra do norte-americano Richard F. Outcault de 1895, intitulada *The Yellow Kid*<sup>4</sup> (O menino amarelo), fazendo várias reflexões sobre certas questões sociais da época. Embora tenhamos diversos estudiosos que tentaram identificar a origem das HQs, Costa (2016, p.15) acredita que “definir um ponto preciso para a origem dos quadrinhos é epistemologicamente arriscado, pois os fenômenos discursivos porventura levados em conta acontecem de forma dispersa e, por vezes, simultânea”. Contudo, Costa (2016, p. 49) destaca que “os quadrinhos são

<sup>4</sup> Apresentava a narrativa de um menino que vivia nos guetos de Nova Iorque, se comunicava de maneira coloquial e se vestia com uma camisola amarela imensa.

compostos por várias instituições discursivas” e reúnem características singulares ligadas “aos seus recursos de linguagem, gêneros, meios de produção, veiculação e consumo, público, crítica, premiações, festivais, dentre outros elementos” (COSTA, 2016, p.4).

### Contextualização do autor do corpus

O cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido como Quino, foi o criador da personagem Mafalda e de muitos outros quadrinhos de humor. Segundo Latxague (2011), o trabalho de Quino apareceu principalmente na imprensa argentina, entre os anos de 1954 e 1976, nas páginas de alguns dos maiores periódicos de humor, adaptando-se a diferentes linhas editoriais e explorando várias correntes cômicas, do burlesco ao absurdo, passando pela sátira de uma sociedade em crise e tematizando as condições de sua criação.

Essa crise da sociedade argentina foi marcada, de acordo com Bauer Van Kulitz (2013, p. 46), já no início da década de 60 pelo golpe militar no então governo de Frondizi, o que expôs uma mudança na mentalidade da sociedade que, desde o começo do século XX, assistia a uma radicalização das divisões sociais e políticas que contemplavam “um dos dois extremos ideológicos da época: o capitalismo estadunidense e o socialismo soviético”. Esse desencanto e frustração da sociedade com as contradições e injustiças do mundo aparecem, então, no conjunto de obras de Quino. Ele costuma utilizar em suas HQs o “recurso da ironia, do sarcasmo, do ceticismo como meios humorísticos”, envolvendo “todas as facetas sociais, culturais, políticas e econômicas em seu véu de descrença e desesperança” (BAUER VAN KULITZ, 2013, p. 48).

Depois de exilar-se na Itália, em 1976, após um golpe militar na Argentina, Quino continuou a compor seus quadrinhos de humor, publicando vários livros de HQs, incluindo a obra “*Que mala es la gente*” lançada em 30 de abril de 1997 pela Editorial Lumen Argentina. Ela abarca uma compilação de HQs impregnadas pelo sarcasmo e pela crítica social, retratando pessoas comuns e seus feitos em temas universais como a morte, a velhice, os relacionamentos, as desigualdades sociais, a pobreza, entre outros assuntos, com a predominância de recursos não-verbais na composição das narrativas.

### ANÁLISE TEXTUAL/DISCURSIVA DAS HQS

Inicialmente, consideramos para as análises, a caracterização do *corpus* como um tipo de produção ficcional narrativo/dialogal e de base multimodal, o que sugere um tipo

de visão no sentido de ampliação composicional. Além dos elementos de cotexto anterior e posterior, são considerados os elementos não verbais. Marcamos também, como ponto de partida na caracterização desses textos, o fato de eles serem originalmente construídos pela recriação de situações sociodiscursivas cotidianas. No que se refere ao gênero e época de produção (universo discursivo), em linhas gerais, situa-se, nas HQs do autor, certa crítica social às relações humanas (ação visada). Essa crítica acaba por tipificar funções sociais e definir um conjunto de Rds em relação a situações correntes entre os anos de 1954 e 1976, no regime nem verdadeiro nem falso na ficcionalidade.

Textualmente, apesar dessa marca de ficcionalidade, as Rds podem ser reconstruídas pela descrição/comparação de situações sociodiscursivas análogas, contextualizadas (junto com os pontos de vista expressos pelos locutores/enunciadores) e segundo o universo de pré-construídos que temos acesso junto às formações discursivas dialogicamente marcadas (esquema 1).

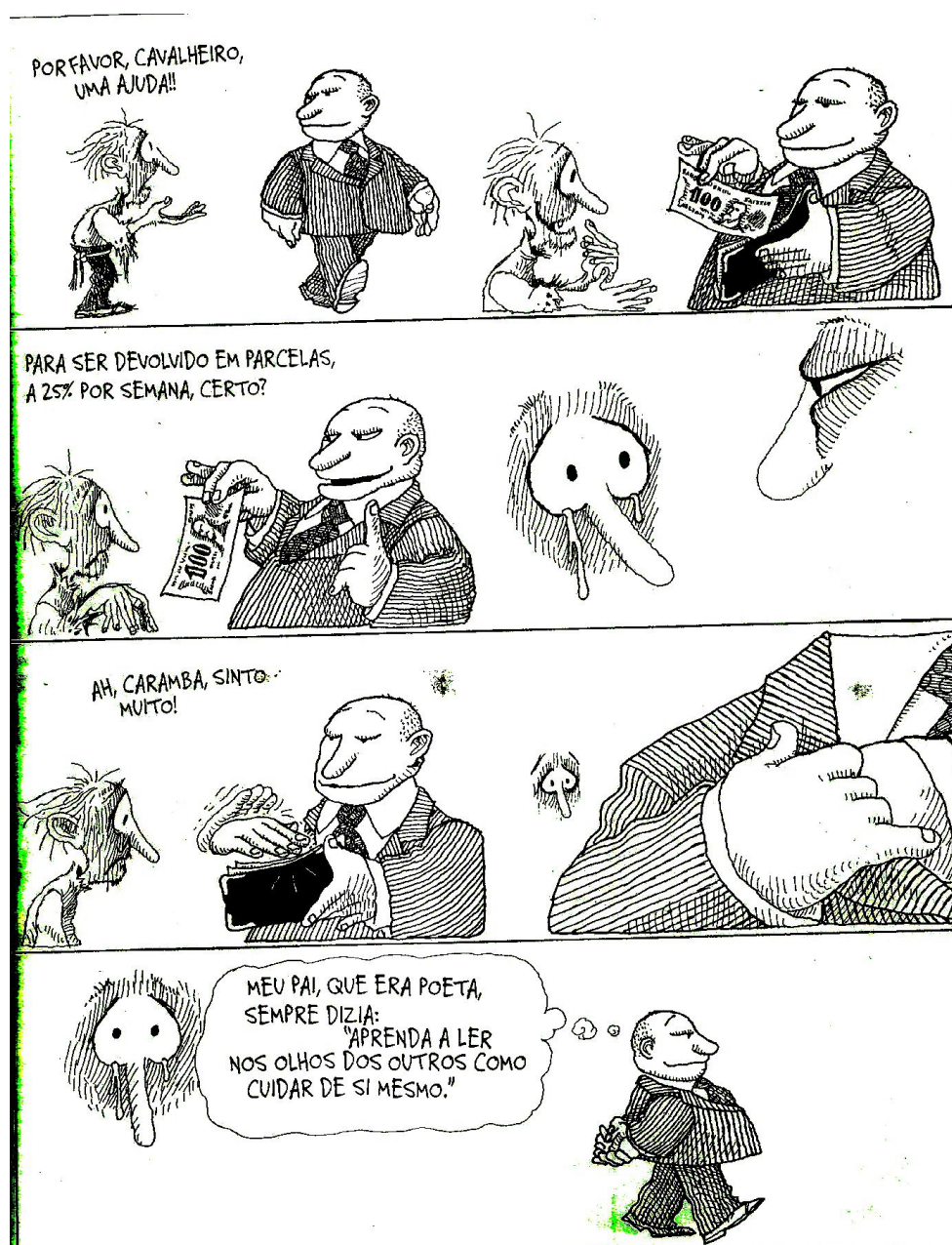
### **Análise HQ 1 - sobre as desigualdades sociais**

A análise da primeira HQ reforça a indicação de crítica social junto aos parâmetros da situação sociodiscursiva, o que repete, de certa forma, a caracterização do gênero pela construção do autor, como segue:

I) Aspectos discursivos presentes nos níveis N1 (ação visada e parâmetros da situação sociodiscursiva)

Quanto aos aspectos discursivos presentes na HQ (figura 1), observamos que Quino cria um diálogo ficcional entre dois personagens, um representando um pedinte e o outro alguém abastado ou que estaria envolto ao sistema de crenças capitalistas e transpostos no gênero HQ. Essas implicaturas delimitam a ação visada pelo texto: crítica às desigualdades sociais. Essa crítica estaria figurada pela interação e identificação das personagens, realizada por traços linguísticos de registro (estilo) e características multimodais como forma de vestir das personagens ou traços caricatos marcadores de estereótipos (o pobre/o rico). Esses aspectos congregam marcas de representação social e identidade articuladas nos parâmetros da situação sociodiscursiva (intratextual), esboçada por um pedido de ajuda/contribuição.

Figura 1: História em Quadrinho da obra “Que gente má!”.



Fonte: Quino (2003, p. 59).

Contextualizado pelo plano da ação visada na fala das personagens (locutores/enunciadores representados), o pedido de ajuda remete a uma situação comum socialmente em que os locutores/enunciadores valorados/identificados como pedintes, mendigos, sem teto teriam como ação visada um pedido de ajuda financeira. No plano discursivo

genérico, essa ação seria a crítica social entrelaçada a uma autorreflexão sobre a segunda situação sociodiscursiva (a vivida pelas personagens) selecionada pelo autor.

II) Aspectos discursivos presente no nível N2 (interação social – condições de produção/recepção e N6 de representação discursiva)

De acordo com os pressupostos de Adam (2019), ao analisarmos os aspectos discursivos presentes no nível N2, temos que considerar as condições de produção e as condições de recepção de um texto/enunciado dentro dos parâmetros determinados pelo autor, também delimitadores da Rd. Podemos situar, nesse caso, uma HQ produzida pelo cartunista Quino para ser publicada no livro “*Que mala es la gente*” durante o seu período de exílio no exterior devido a um golpe militar em seu país. Entre as condições de produção, a realização de uma crítica social sobre as relações humanas em contextos sociais de divisões sociais e políticas.

O tema proposto na HQ revela representações discursivas (Rd) do autor que aparecem de forma implícita no texto ficcional, como é o caso da tensão econômica gerada a partir do nó (Pn2) da narrativa que indica a presença de uma cédula de 100, usada de maneira metafórica, possivelmente, como mais um índice de hierarquia entre as diferentes classes sociais no mundo capitalista (ponto de vista 1 - PdV 1). Além disso, a figuração caricata do mendigo pedindo uma ajuda não indica explicitamente que ele se refere a uma ajuda financeira (PdV 2), mas essa é menos provável no conjunto de Rds evocadas para a situação e o contexto de recepção em questão.

Essa imagem de mundo que o autor apresenta em um contexto de produção ficcional revela, então, certas crenças e comportamentos de uma coletividade e/ou estereotipia (pedinte - ajuda financeira). Os limites da Rd se concentram, nessas formas de significação, além das implicações responsivas pelo que não é dito, como existência de desigualdade social - PdV 1 gerado pelo conjunto das proposições-enunciadas no plano de texto - moral. Nesse sentido, os elementos composicionais sequenciais (proposições-enunciado) da narrativa esboçam a relação triangulada por Adam (2011; 2008) em relação ao produto da enunciação pela representação discursiva (N6), PdV e assunção de responsabilidade/ responsabilidade enunciativa (N7) - (respectivamente, *prise en charge* em Adam, 2008 e *responsabilité enonciative* em Adam, 2017) e valor ilocucionário (N8).

### III) Traços da organização sequencial narrativa dominante

Quanto aos elementos que compõem o plano textual criado pelo cartunista, percebemos que eles são organizados tendo como base a sequência narrativa como dominante sequencial. Essa sequência de base se desenvolve a partir de uma situação inicial (Pn1) delimitada pelo encontro de um “distinto cavalheiro” com um mendigo em busca de ajuda (financeira/física/emocional), seguida por uma sucessão de fatos e elementos que se desenrolam em uma trama que assegura uma transformação da história (Pn2, Pn3, Pn4), chegando a uma situação final (Pn5) de desenlace na qual ambas as personagens seguem seus caminhos sem que tenha havido nenhuma mudança específica na condição dos sujeitos, o que reforça fortemente o PdV 1 - moral.

Pelas descrições linguísticas e multimodais, o locutor/enunciador A (o mendigo) não teria alcançado seu objetivo, uma vez que o locutor/enunciador B (cavalheiro) segue seu caminho sem que a ajuda financeira tivesse sido prestada (PdV 1 correspondente ao do cavalheiro). Nesse caso, o encadeamento de enunciados através de uma estrutura sequencial de macro-proposições narrativas (Pn1, Pn2, Pn3, Pn4, Pn5) conduz o leitor ao último nível esperado para o gênero, a moralidade (Pn $\Omega$ ), onde ele próprio (o leitor) é movido a (re)construir o sentido com base em seus pré-construídos (PdV 1 - resultante das potencialidades argumentativas dos enunciados), recriando uma situação de produção possível, conforme descritos na tabela 2.

**Tabela 2:** Macro-proposições da Narrativa.

Pn1 (situação inicial)	Um mendigo pede ajuda a um sujeito (cavalheiro) que passa na rua: <b>Enunciador/Locutor 1.:“Por favor, cavalheiro, uma ajuda!!!”</b>
Pn2 (Nó)	Ao contrário de uma ajuda, o cavalheiro oferece uma nota de dinheiro ao mendigo com uma proposta de empréstimo com base em juros: <b>Enunciador/Locutor 2.:“Para ser devolvido em parcelas, a 25% por semana, certo?”</b>
Pn3 (Re-ação ou avaliação)	O mendigo esboça um olhar de decepção por justamente não ter como pagar os juros e o cavalheiro responde: <b>Enunciador/Locutor 2.:“Ah, caramba, sinto muito!”</b>
Pn4 (Desenlace)	O cavalheiro guarda a nota de 100 na carteira e vai embora.
Pn5 (Situação final)	O cavalheiro, ao se distanciar do mendigo que demonstra estar chorando com a situação, reflete de maneira irônica utilizando a função poética sobre a situação ocorrida: <b>Enunciador/Locutor 2.:“Meu pai, que era poeta, sempre dizia: aprenda a ler nos olhos dos outros como cuidar de si mesmo.”</b>
PnΩ (avaliação final/moral)	Possíveis representações/ interpretações/Pdv: O mundo é repleto de desigualdades sociais. Os ricos tiram proveito dos mais pobres. Aprenda a cuidar do seu dinheiro para não sofrer com a falta dele. Os pobres não sabem cuidar de si mesmos etc.

**Fonte:** elaboração própria.

Esse plano analítico resvala em muitas questões enunciativas como a distribuição dos PdVs em relação aos múltiplos enunciadores presentes (ficcionais e não ficcionais). Nesse sentido, nos questionamos sobre a impossibilidade de traçar a Rd sem considerar o valor ilocucionário e a responsabilidade enunciativa no processo de esquematização discursiva do texto.

## **Análise HQ 2 – relacionamentos humanos**

Seguimos para a HQ 2 os mesmos princípios utilizados na análise anterior.

I) Aspectos discursivos presentes nos níveis N1 (ação visada e parâmetros da situação sociodiscursiva)

Igualmente ao que apresentamos anteriormente, a situação sociodiscursiva é emblemática do que situamos para o gênero HQ, mas com a particularidade da situação sociodiscursiva esboçada por Quino. Nos parâmetros do caso em questão, o autor cria uma HQ (figura 2) envolvendo dois personagens, um homem e uma mulher que se conheceram durante uma visita a uma exposição de obras de arte. Identificamos as personagens e suas interações através das características do traçado linguístico de registro (estilo) e dos traços não verbais. Tais aspectos agregam marcas de representação social e identidade articuladas à interação esboçada – um casal que se conhece, descobre afinidades em comum e marca um encontro para um café.

**Figura 2:** História em Quadrinho da obra “Que gente má!”.



Fonte: Quino (2003, p. 82).

Trata-se de uma situação cotidiana que pode ocorrer em locais públicos onde as personagens, identificadas como pessoas comuns em um momento de lazer, teriam como ação visada conhecer e se relacionar com outras pessoas. Pelas descrições linguísticas e multimodais presentes na HQ, percebemos que os personagens podem não ter alcançado seus objetivos, justamente por acabarem se desencontrando na terça-feira seguinte quando haviam marcado de tomar um café juntos. Para o gênero, a voz em questão (narrador) marca uma diferença em relação à enunciação ao texto anterior. O PdV, nesse caso, pode ser atribuído ao próprio locutor/enunciador que narra os fatos.

II) Aspectos discursivos presente no nível N2 (interação social – condições de produção/recepção e N6 de representação discursiva)

Essa HQ (figura 2), criada por Quino para a edição de 1997 do livro “*Que mala es la gente*”, retrata dois personagens comuns e seus feitos dentro de uma temática universal que abarca os relacionamentos humanos. Ao desenvolver a narrativa ficcional nesse âmbito, o locutor/enunciador apresenta de maneira implícita uma reflexão sobre os desencontros sentimentais usando aspectos da subjetividade da arte. Por outro lado, o contexto de recepção é emblemático ao tipo de valor que o autor explora e remete, diferentemente da HQ anterior, a um universo discursivo marcado externamente pelas representações sociais de um contexto artístico (museu, Monalisa e Gioconda, café).

Ao propor essa temática em sua HQ, Quino revela, de forma implícita no texto ficcional, uma imagem de mundo (Rd) marcada por certos comportamentos de uma coletividade específica e em uma determinada época. Ele aborda a questão dos relacionamentos humanos em uma sociedade letrada, uma das possíveis representações que se pode depreender da narrativa com base no encadeamento dos enunciados.

Ao construir a narrativa, o autor utiliza a metáfora da obra de arte Monalisa/Gioconda como figura do discurso para representar os desencontros e a subjetividade das relações humanas e seus próprios conhecimentos de mundo. Dessa forma, os elementos que compõem o plano do texto recriam uma situação sociodiscursiva em um determinado contexto de produção e esboçam a relação entre os personagens dentro de uma Rd selecionada pelo cartunista (contexto artístico, formações discursivas marcadas pela cultura).

O PdV começa a ser construído pelo uso da narração, que no contexto de recepção, apresenta ao interlocutor/leitor as sutilezas dos desencontros pelas próprias diferenças entre as referências de objetos do mundo. As implicações entre Rd e PdV sugerem duas interpretações diferentes quanto ao uso de um mesmo referente (obra de arte de Leonardo

da Vinci). O primeiro (PdV 1) aparece de maneira implícita na composição visual da HQ e refere-se à localização de ambos os cafés em uma esquina com um intenso fluxo de veículos e pessoas. Isso demonstra que, provavelmente, as personagens não tomaram nota da referência exata do local de encontro, pois eles simplesmente “ficaram de tomar um café juntos”, talvez com alguma referência à obra do Leonardo da Vinci. Além disso, dois significantes diferentes para uma mesma obra (Monalisa e Gioconda) sugerem o desencontro, ou seja, parece indicar implicitamente que as duas personagens acabaram se encontrando ao esperarem em estabelecimentos distintos, justamente por terem sido guiadas ao endereço de acordo com suas próprias referências em relação à obra do artista italiano (PdV 2).

### III) Traços da organização sequencial narrativa dominante

O processo interpretativo de construção de sentido proposto por Adam (2019) pode ser reconstruído através das macro-proposições de base narrativa que se desenvolvem a partir de uma situação inicial (Pn1), quando ocorre o encontro das duas personagens no espaço físico de uma “Galeria Nacional”, seguido por uma sequência de fatos (Pn2, Pn3, Pn4) que culminam na situação final (Pn5) de desenlace marcada pelo desencontro do casal e um questionamento: “nunca souberam porque não deu certo”.

Esse plano de texto apresenta, então, um encadeamento de enunciados com uma estrutura sequencial narrativa dominante (Pn1, Pn2, Pn3, Pn4, Pn5) que conduz o leitor ao último nível esperado para o gênero, a moralidade (PnΩ). Ele próprio (o leitor) é movido a (re)construir o sentido com base em seus pré-construídos, recriando uma situação de produção possível, chegando à moral da história. Essa moral pode abarcar diversas interpretações, dentre elas, a questão da subjetividade dos pensamentos e relacionamentos humanos e os problemas de comunicação que podem ocorrer em uma determinada interação social devido às distintas referências de mundo, conforme descrito na tabela 3.

**Tabela 3:** Macro-proposições da Narrativa.

Pn1 (situação inicial)	Dois personagens (um homem e uma mulher) estão visitando uma exposição de arte.
Pn2 (Nó)	Os personagens acabam se conhecendo durante a visita à galeria de artes. <b>“Eles se conheceram na Galeria Nacional”</b>
Pn3 (Re-ação ou avaliação)	Os dois personagens sentam-se em um banco dentro da galeria de arte e ficam horas conversando sobre suas afinidades no mundo das artes (o tempo transcorrido na conversa pode ser observado na figura por meio do segurança que verifica o relógio e as afinidades com o mundo das artes nas menções de artistas famosos como: Renoir, Goya, Rafael, Leonardo etc.). <b>“Ambos amavam a arte”</b>
Pn4 (Desenlace)	Os dois personagens depois de saírem da galeria e diante de suas afinidades decidem marcar um outro encontro na terça-feira seguinte. <b>“Ficaram de tomar café juntos na terça-feira seguinte”</b>
Pn5 (Situação final)	No dia do encontro marcado, ambos os personagens se dirigem ao café relacionado à obra do artista Leonardo da Vinci que está localizado em uma esquina, mas não se encontram porque um deles foi para o café Monalisa e o outro para o Café Gioconda, ou seja, embora ambos tivessem afinidades com as artes não se atentaram ao fato que a obra mais famosa desse artista chama-se Monalisa ou Gioconda e acabaram esperando em vão a chegada do outro em lugares distintos. <b>“Nunca souberam porque não deu certo”</b>
PnΩ (avaliação final/moral)	Possíveis representações/ interpretações/Pdv: A subjetividade dos pensamentos e dos relacionamentos fez com que os personagens, apesar das suas afinidades, seguissem para lugares diferentes. Os problemas de comunicação ocorrem muitas vezes devido às distintas formas de interpretação e PdV etc.

**Fonte:** elaboração própria.

A partir da análise do *corpus* dessas HQs, percebemos que a (re)construção da narrativa com base no esquema 1 proposto por Adam (2019), de forma sistêmica, permite o relacionamento dos níveis da estrutura composicional (N5), semântico (N6) e enunciativo, fornecendo subsídios importantes para a compreensão das relações possíveis entre os elementos textuais e discursivos. Compostas por um protótipo de sequência com um encadeamento de enunciados verbais e não verbais (textualidade), as HQs relacionam, em diferentes níveis, representações discursivas do autor que acaba por imprimir suas intenções e pré-construídos no texto. O plano discursivo do gênero HQ permite que a ação de linguagem se expresse nas interações sociais nas mais variadas formas de (re) construção de sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, ao propor a observação do encadeamento e da função da sequência narrativa na construção de sentido em HQs, traz a estrutura composicional da sequência das macro-proposições narrativas, a semântica no plano textual e o PdV no plano enunciativo correlacionados com o plano discursivo em um processo que amplia a análise para (re)construir o sentido do texto a partir das relações possíveis entre o autor-texto-leitor.

Com bases nas análises nesses níveis, foi possível observar que, em se tratando de textos em que predominam as imagens em relação ao texto, o encadeamento da sequência narrativa contempla também as cinco macro-proposições de base. Elas tiveram, nas análises, a função de apresentar uma sucessão de fatos que ocorrem em uma ordem espaço-temporal e que podem ou não desencadear uma transformação ou mudança nas personagens ou situações. Essa característica permite ao leitor realizar distintas leituras, justamente porque um dos aspectos discursivos da narrativa é criar uma tensão/suspense/contraste entre os personagens e permitir o desfecho dentro de aspectos morais que exigem interpretações baseadas em um determinado contexto de interação/situação, assim como dos pré-construídos do leitor.

A (re)construção de um gênero específico, como as HQs ficcionais, mostra-se relacionada ao encadeamento dos enunciados dentro de um protótipo narrativo dominante. A reconstrução dos sentidos perpassa a produção do autor ao imprimir suas marcas e intenções no enunciado e as referências do receptor para compreender e interpretar a temática dentro de um determinado contexto de interação sociocultural. Como resultado, encontramos convergência da proposta de análise textual/discursiva de Adam (2019),

com relação às macro-proposições que compõem a estrutura composicional das narrativas das HQs.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **La linguistique textuelle**: introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris: Armand Colin, 2008.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística Textual**. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean-Michel. **Les textes types et prototypes**, Paris, Armand Colin, 2017.

ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Trad. Mônica Magalhaes Cavalcante (*et al*). São Paulo: Contexto, 2019.

AQUINO, L. D. **Representações discursivas de Lula nas capas das revistas Época e Veja**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015, 230p.

BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUER VON KULITZ, Layssa. Mafalda e o desencanto argentino: Uma análise do espírito argentino nos anos 1960. **Revista Três Pontos**, UFMG, v. 10, n. 2, p. 45-50, 2013.

CATELÃO, E. M. **Revelando motivos: a argumentação suicida sob as perspectivas textual/discursiva e retórica**. Curitiba, PR. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2013, 237p.

COSTA, Lucas Piter Alves. **Uma análise do discurso quadrinístico: práticas institucionais e interdiscurso**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte, 2016, 223p.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DENZIM, N.; LINCON, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Anna Rachel. A Perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart. IN MEURER, BONONI, MOTTA-ROCH. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 237-259.

LATXAGUE, Claire. *Lire Quino: poétique des formes brèves de la littérature dessinée dans la presse argentine (1954-1976)*. Paris, França. Tese de Doutorado. École doctorale langues, littératures et sciences humaines Grenoble, 2011, 130p.

MONTANHA, Ednalda Maria. **Modelo didático de gênero e sequência didática: gênero textual história em quadrinhos**. Secretaria de Estado da educação-SEED. Londrina, 2012.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MOREIRA, Juzelly Fernandes Barreto. **Estilo, Texto e Sentido**. Natal: Editora IFRN, 2019.

OLIVEIRA, Flávia Cristina Cândido de. 2016. **Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do Enem**. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 127p.

QUINO. **Que gente má!** Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos para quadrados**. Porto Alegre: Bels, 1976.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3.ed. rev. Atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, P. N. **Tipologias textuais: como classificar textos e sequências**. Coimbra, Almedina, 2012.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Ibipex, 2010.

Recebido em: 18 jul. 2021.

Aceito em: 20 ago. 2021.